

DESAFIOS DA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO PÓS-PANDEMIA

(CHALLENGES OF LITERACY AND LITERACY IN THE POST-PANDEMIC)

Antônia Aline de Sousa Domingos¹
Brenda Maria Gurgel de Lima²
Gercivania Oliveira Almeida³
Marichele Jucá de Sousa⁴
Renato Eufrazio dos Santos⁵
Francisco Jahannes dos Santos Rodrigues (Orientador)⁶

RESUMO

Neste trabalho tratamos sobre os desafios da alfabetização e letramento no pós-pandemia. Temos como objetivo geral examinar os desafios do trabalho docente no processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais do ensino fundamental no período pós-pandemia da COVID-19. Fizemos uma pesquisa qualitativa através de procedimentos de coleta de dados como entrevista e análise documental. Com esta pesquisa, concluímos que, devido à pandemia, houve aumento da defasagem no processo de alfabetização e letramento, em razão de algumas barreiras como o isolamento social e a falta de recursos para o ensino remoto por parte das escolas, professores, alunos e suas famílias, recursos esses que eram necessários para se ter um melhor resultado na etapa da alfabetização durante o conturbado período pandêmico. Destacamos ainda ações que têm sido realizadas para reparar os danos educacionais trazidos pela pandemia e como podemos responder a essas dificuldades futuramente.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Pandemia COVID-19.

ABSTRACT

This is a final paper for the undergraduate course in Pedagogy at Centro Universitário UniAteneu. In this one we deal with the challenges of literacy and literacy in the post-pandemic. Our general objective is to examine the challenges of teaching work in the literacy and literacy process in the initial grades of elementary school in the post-pandemic period of COVID-19. We carried out a qualitative research through data collection procedures such as interviews and

1 Discente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: antoniaalinesousadomingos97@gmail.com

2 Discente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: brendamaria04@hotmail.com

3 Discente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: gercivania06@hotmail.com

4 Discente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: marichelesousa@gmail.com

5 Discente do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Ateneu (UniATENEU). E-mail: renatoeufrazio89@gmail.com

6 Pedagogo, Doutor em Educação Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Docente do curso de Pedagogia do Centro Universitário UniAteneu. Email: fjahannes@gmail.com

document analysis. With this research, we conclude that due to the pandemic there was an increase in the lag in the literacy and literacy process, due to some barriers such as social isolation and the lack of resources for remote teaching by schools, teachers, students and their families, resources those that were necessary to have a better result in the literacy stage during the troubled pandemic period. We also highlight actions that have been taken to repair the educational damage caused by the pandemic and how we can respond to these difficulties in the future.

Keywords: Literacy. Literacy. COVID-19 Pandemic.

1 INTRODUÇÃO

A educação no Brasil sempre sofreu mudanças. Desde o seu início, através dos jesuítas até chegarmos ao ensino superior, a aprendizagem teve que se adaptar às exigências sociais, culturais e políticas, e nos dias atuais, além da prática da escrita e leitura, é preciso ter o domínio destas, para inseri-las no cotidiano, configurando a prática do letramento.

Em 2020, tivemos a pandemia de COVID-19, que é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-Cov-2, cujos sintomas são semelhantes aos da gripe. Tivemos mais de um ano de pandemia, e, por conta de muitas mortes, o Governo decretou que vários estabelecimentos fechassem, incluindo as escolas. Então, dessa forma, o ensino remoto, que é o ensino que se faz a distância por meio de computadores, *tablets* ou *smartphones*, para acessar as plataformas digitais, como *Google meet* por exemplo, por onde se ministravam as aulas, foi adotado pelas escolas públicas e privadas. Entretanto, essa modalidade de ensino afetou, algumas crianças, pois nem todas tiveram o acompanhamento necessário.

Com isso em mente, realizamos esta pesquisa para podermos identificar se existem conflitos no processo de alfabetização e letramento, quais as dificuldades que enfrentam professores e alunos na rotina educacional, como estas se agravaram após a pandemia. Nesse intuito, visitamos a escola, fizemos entrevistas com professores, pesquisamos em materiais bibliográficos e documentos, como, por exemplo, o Projeto Político Pedagógico (PPP) das instituições onde realizamos a nossa pesquisa.

Com isso elaboramos a seguinte problematização: Quais os desafios no processo de alfabetização e letramento nos anos iniciais do ensino fundamental no pós-pandemia? Entendemos que o ato de alfabetizar uma criança é essencial para a educação e para o desenvolvimento do ser humano, porém há muitos conflitos durante esses processos, e estes se agravaram ainda mais por conta das modificações feitas no ensino durante a pandemia.

Assim, a presente pesquisa tem como objetivo geral examinar os desafios do trabalho docente no processo de alfabetização e letramento nas séries iniciais do ensino fundamental no período pós-pandemia da COVID-19. Além disso, apresenta os seguintes objetivos específicos: entender os conceitos e processos de alfabetização e letramento; identificar estratégias pedagógicas utilizadas por professoras alfabetizadoras no período pós-pandemia; e refletir como a pandemia impactou nos processos de ensino e aprendizagem.

Escolhemos o tema alfabetização e letramento no pós-pandemia, pois o surgimento da COVID-19 causou um grande impacto no mundo e, por isso, a educação foi bastante afetada. Durante o período de isolamento, os alunos tiveram aula de forma híbrida e sabemos a dificuldade que foi, pois professores tiveram que se adaptar com a tecnologia e alguns alunos nem acesso a celular e a computador tiveram. Como veiculado no portal de notícias G1, a Secretaria Municipal da Educação de Fortaleza estabeleceu na época o seguinte, que “não há aulas ao vivo, mas os professores utilizam aplicativos de conversa para a explicação de matérias e o envio de atividades. Na impossibilidade de o estudante acessá-las, a coordenação envia as atividades para as residências dos matriculados (G1, 2020)”. Com isso, iremos agora relatar como está ocorrendo o processo de alfabetização e letramento no pós-pandemia, já que tivemos crianças que, na época da alfabetização, estavam em casa e hoje se encontram na escola ainda com dificuldades nesse processo. Por essas razões, a equipe acredita ser importante abordar esse tema.

O tema da alfabetização e letramento no pós-pandemia nos faz refletir sobre alguns pontos que foram observados durante a pandemia. Fomos pegos de surpresa, sem termos tempo de preparação em relação aos métodos escolares para lidar com essa situação, então tivemos que adotar o ensino híbrido, promovendo assim o contato dos professores com os alunos, assegurando os seus direitos ao ensino e à aprendizagem. Foi um desafio, pois não tiveram auxílio e suporte em relação aos recursos tecnológicos de forma inicial. Outro ponto de dificuldade que se pode destacar foi o fator psicológico, uma vez que, devido às preocupações em relação à saúde nessa época, as pessoas ficaram assustadas, ansiosas, o que refletia diretamente no seu desempenho, tanto da parte dos professores como nas próprias crianças. Houve também problemas de conectividade das famílias menos favorecidas, pois sem internet e sem aparelhos eletrônicos, muitos alunos não tinham como receber os conteúdos nem participar das aulas *online*. Viu-se também a necessidade de investimentos em formação específica para se fazer o ensino remoto, de melhora nas redes e provedores de internet, dentre outros fatores. Fazia-se necessária, então, uma posição mais abrangente e concreta para a superação desses desafios, o que melhoraria muito o ensino acadêmico, possibilitando assim

bons resultados para a educação. Esse trabalho tem como relevância científica proporcionar conhecimento a respeito do que os profissionais da área da educação fazem hoje, passada a pandemia, para que alunos que sofreram com os efeitos negativos dessa ruptura no ensino presencial sejam de fato alfabetizados. Esse tema propõe uma reconstrução dos sistemas educacionais que irá favorecer os profissionais e os alunos, pois sabemos que há carências no processo de alfabetização e letramento por conta do isolamento e da falta de recursos durante a pandemia. Com isso, esse trabalho pode contribuir com conhecimento para a educação como um todo e especificamente para professores alfabetizadores que estão passando ou irão passar por esse processo.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Alfabetização e letramento: conceitos e contexto escolar

A alfabetização consiste na aprendizagem de ler e escrever, durante a qual é trabalhado o ensino do alfabeto e dos números, a coordenação motora e a formação de palavras. Em outros termos, “ler e escrever significam o domínio da mecânica da língua escrita, nessa perspectiva, alfabetizar significa adquirir a habilidade de codificar a língua oral em língua escrita (escrever) e de decodificar a língua escrita em língua oral (ler)” (SOARES, 2017, p.17). Este aprendizado é de extrema importância em nossa vida, precisa de condições favoráveis para ser facilitado e de dedicação, tanto de quem ensina como do próprio aprendiz, tudo isso, enfim, é imprescindível para que a aprendizagem seja efetivada.

Quando dizemos que uma criança está sendo alfabetizada, estamos nos referindo ao processo que envolve o engajamento físico-motor, mental e emocional da criança num conjunto de atividades de todo tipo, que têm por objetivo a aprendizagem do sistema da língua escrita. (KLEIMAN, 2005, p.14)

O processo de alfabetização inicia-se muito cedo na vida das pessoas. As crianças, por exemplo, escutam os adultos lerem contos, assistem a leituras na igreja, etc. Essas interações com práticas de leitura e escrita são bastante importantes para o aprendizado, não estando restritas somente na sala de aula, mas também no ambiente familiar e na comunidade. A respeito desse processo, Teberosky diz que

O âmbito da alfabetização inicial ampliou-se e mudou enormemente durante os últimos anos. A ampliação pode ser apreciada na incorporação de novos agentes sociais no processo de alfabetização: Não apenas a escola, mas

também a família e a comunidade se constituíram em contexto de ação alfabetizadora. (TEBEROSKY, 2004, p. 9)

A alfabetização é um processo que acompanha o aluno durante sua vida, quando acontece o desenvolvimento da língua oral e escrita. Esse processo acontece aos poucos, sem idade específica, respeitando o tempo que cada aluno precisa para desenvolver essa habilidade. Ferreiro (1999, p. 47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”. Com isso vale ressaltar que o contato com a leitura e a escrita é de extrema importância no processo de aprendizagem, e, mesmo após alfabetizado, o indivíduo precisar incluí-la no seu dia a dia, entendendo que a alfabetização não se limita ao ambiente escolar, pois os meios sociais e familiares são bastantes importantes para o aluno nesse processo.

A escola é um dos caminhos para a alfabetização e o letramento, construído paralelamente a outros caminhos alicerçados nas experiências de vida e no cotidiano. A leitura e a escrita como sistema simbólico, com seus fonemas, grafemas e respectivos conceitos, alteram as relações entre o homem e o mundo, construindo o jeito de modo que tudo é carregado em sua mochila. (HEIN, 2016, p.6).

A forma de ver o mundo e se relacionar se transformam após a alfabetização. Cada placa na rua, letreiros e informes passam a fazer sentido, como também comunicar-se através de cartas, e-mails e mensagens em geral. Tudo isso torna-se possível na vida do alfabetizado, pois várias possibilidades surgem juntamente com este aprendizado.

Contudo, após serem alfabetizadas, muitas pessoas não fazem uso deste conhecimento no seu cotidiano, porque não conseguem compreender mesmo textos simples e são considerados analfabetos funcionais. Foram alfabetizados, mas não conseguem compreender gêneros textuais, fazer cálculos, usar a escrita e a leitura no seu dia a dia, o que denota falhas graves no processo de alfabetização. Este problema deve ser levado a sério, pois prejudica o desenvolvimento intelectual, pessoal e profissional do indivíduo. Nesse sentido é preciso não só a alfabetização dos alunos, mas também o letramento. De acordo com Soares (2018, p.18),

Literacy [letramento] é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e a escrever. Implica nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprenda a usá-la.

Em seu livro *Letramento: um tema de três gêneros*, Magda Soares esclarece como o conceito de letramento ficou conhecido. De acordo com a autora, ele surgiu através de

especialista da área educacional, com a necessidade de nomear o uso da leitura e escrita nas práticas sociais, que vai além do domínio do sistema alfabético e ortográfico, aparecendo pela primeira vez em 1986 no livro *O mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*, de Mary Kato, e ficou bastante conhecida em 1988 quando Leda Verdiani Tfouni buscou distinguir a alfabetização de letramento no livro *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Depois disso, o conceito ganhou mais força. Em 1995, quando Ângela Kleiman organiza o livro *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*, vários autores passaram a discutir o tema, mostrando a relevância e a importância dele, isto porque na perspectiva do letramento, além de aprender a ler e escrever, faz-se uso desse aprendizado para transformar a vida cultural e social, melhorando assim aspectos linguísticos, cognitivos entre outros. “Socialmente e culturalmente, a pessoa letrada já não é a mesma que era quando analfabeta ou iletrada, ela passa a ter uma outra condição social e cultural” (SOARES, 2009, p.37). O letramento, assim como a alfabetização, não está condicionado apenas à escola, está presente no meio social, e até mesmo no âmbito profissional. As escolas não são as únicas responsáveis por esse aprendizado.

A escola é uma das agências de letramento, paralelamente a outros sistemas assentados na experiência de vida, na necessidade da sobrevivência, na profissão dos indivíduos, na atuação dos cidadãos em suas comunidades particulares ou em âmbito mais geral. (MOLLICA, 2007, p.16).

Dissociar alfabetização de letramento é um equívoco. Ideal para a educação seria esses estarem sempre juntos no processo de ensino: enquanto aprende a ler, o aluno pode interagir com meios de utilização da escrita e leitura, aprofundando seu aprendizado, reconhecendo o processo como um todo, e podendo fazer uso deste conhecimento para suas necessidades intelectuais.

2.2 Métodos para alfabetizar letrando

Alfabetização significa a ação de alfabetizar. Para que isso ocorra, é necessário um código específico, alguém que já tenha o domínio para ensiná-lo e outra pessoa para aprendê-lo. No caso, o código é o sistema alfabético, formado pelas 26 letras que compõem o alfabeto, que representa os sons da fala, ou mais especificamente, os fonemas da língua, no caso da Língua Portuguesa. A pessoa que domina o código, de modo específico, é o professor, podendo

também a própria família assumir essa função de ensinar, e o aluno, que irá aprender, seja ele criança, jovem, adulto ou idoso.

O documento PNA (Política Nacional de Alfabetização), “com base na ciência cognitiva da leitura, define alfabetização como o ensino das habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético” (BRASIL, 2019, p.18). Esse ensino visa capacitar os alunos a, no início da vida estudantil, de modo mais preciso no primeiro ano do ensino fundamental, a decodificar e a codificar o sistema alfabético. O alvo a ser atingido é levar o aluno a compreender que os sons da fala (fonemas) correspondem às letras do alfabeto (grafemas) e que se combinam formando as palavras, e a partir da compreensão e aquisição desse conhecimento, desenvolver sua escrita e leitura, compreendendo textos dos mais variados graus de complexidade, nos vários contextos da vida, do cotidiano ao profissional, do popular ao erudito, o que se entende por letramento, que ocorre e se aperfeiçoa ao longo da vida do estudante.

Tendo as definições de alfabetização e de letramento, pode-se entender então que alfabetizar letrando significa ensinar as crianças a dominar o sistema alfabético e, ao mesmo tempo, proporcionar situações nas quais elas possam interagir com a leitura e a escrita a partir de usos reais, pois os processos de alfabetizar e letrar aqui mostrados são interdependentes, embora distintos. Para isso, faz-se necessária a ação conjunta da família e da escola, o que é capaz de potencializar e elevar os níveis da aprendizagem de forma substancial. Para isso, é necessário trabalhar a família e a escola. Por um lado, pode-se investir em literacia familiar. Por outro, escola, professor e aluno devem receber todo o suporte para que a alfabetização e o letramento ocorram de forma conjunta. Para isso, faz-se necessário levar para a sala de aula uma diversidade textual, materiais tecnológicos, bem como materiais lúdicos, com o intuito explícito de ensinar às crianças as habilidades de leitura e escrita visando ao desenvolvimento da fluência da leitura e elevando assim o nível de compreensão, pois

Trabalhar com os letramentos na escola, letrar, consiste em criar eventos (atividades de leitura e escrita – leitura e produção de textos, de mapas, por exemplo – ou que envolvam o trato prévio com textos escritos, como é o caso de telejornais, seminários e apresentações teatrais) que possam integrar os alunos a práticas de leitura e escrita socialmente relevantes que estes ainda não dominam. (ROJO, 2010, p.27).

E para que as crianças atinjam o grau de domínio da leitura e da escrita almejados, o professor precisa se dedicar e estar sempre inovando, experimentar o que funciona melhor em cada situação, lembrando que é preciso ter atenção as especificidades dos alunos, pois muitas vezes o que serve para um não é efetivo para outros. “Logo, o primeiro passo para alfabetizar

letrando parece ser fazermos uma análise, revisão e reflexão consciente e crítica sobre nossas apreciações, nossas práticas e sobre as necessidades e interesses dos alunos fazê-lo” (ROJO, 2010, p. 36).

A escola tem papel de muita relevância na etapa da alfabetização, pois “um dos principais objetivos da escola, em todos os países, é ajudar os alunos a aprender a ler e escrever. Esse objetivo se baseia no reconhecimento das oportunidades que o ensino da língua proporciona.” (BEARD, 2015, p.17). Somado a isso, o letramento é usado para atender as demandas sociais em que não basta aprender a ler e escrever, mas faz-se necessário utilizar essas habilidades, de maneira competente, compreendendo a função de ambas em contextos sociais.

Uma forma de alfabetizar letrando seria conviver com práticas reais, substituir as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, revistas, jornais, letras de músicas, e qualquer outro meio que permita uma atenção no que foi lido, ou seja, substituir por tudo aquilo que faz parte do convívio social da criança. Outro aliado do letramento são os ambientes lúdicos, pois chamam a atenção do aluno, fazendo despertar seu interesse em participar das atividades, como salas de aula com cantinho da leitura por exemplo, nas quais geralmente existe uma caixa ou uma prateleira com alguns livros para a contação de história. Essa atividade é muito importante, pois a criança já vai se acostumando com aquele meio.

Nos dias atuais, também podemos contar com a tecnologia a disposição da educação, e muito se fala em letramento digital. São muitos os livros e materiais disponíveis digitalmente. Assim as crianças têm a oportunidade de crescerem adaptadas ao uso de tecnologias, pois precisarão lidar com a o universo digital, que tem o potencial de fornecer bastante contato também com a leitura e escrita, no caso, a digitação. O aprendizado tem chegado a muitas pessoas através de celulares, *tablets* e computadores, que além de possuírem editores de texto e serem meios de comunicação, permitem a instalação de aplicativos educacionais e jogos que ajudam bastante no processo de aprendizagem.

A tecnologia que dá suporte aos usos da língua escrita tem mudado enormemente, e essa mudança também se faz sentir na escola: onde antes se esperava que a criança usasse lápis e papel para escrever de forma legível, hoje se espera que ela escreva coisas com sentido no caderno e no computador, e também que use a Internet. (KLEIMAN, 2005, p. 20-21)

Muitas escolas já utilizam dispositivos móveis no processo de alfabetização, fazendo uso de aplicativos, como, por exemplo, o “Luz do Saber”, desenvolvido pelo governo do estado do Ceará, por meio da Secretaria de Educação Estadual. Este aplicativo, considerando

contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky, trabalha com a alfabetização e letramento de uma forma divertida, possibilitando a total interação dos alunos, tornando assim a aprendizagem mais atrativa e eficiente. Outro aplicativo que pode ser utilizado com o propósito de facilitar a alfabetização é o *Graphogame*, disponibilizado pelo governo federal.

2.3 As consequências da pandemia de COVID-19 na aprendizagem, na alfabetização e letramento

A pandemia da COVID-19 trouxe efeitos devastadores para educação durante 2 anos de escolas fechadas. Cerca de 92% das escolas de educação básica optaram pelo modelo de aulas remotas. Para sobrepor a dificuldade na educação, professores se reinventaram. Aulas gravadas e materiais impressos foram alguns dos recursos utilizados durante as aulas remotas no período pandêmico, porém não foram o suficiente para suprir as demandas da educação, já que muitos alunos vivem em realidade social diferente, sem acesso à internet e com pais analfabetos. Muitos alunos tiveram sua educação defasada durante a pandemia da COVID-19. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), houve uma taxa de aprovação significativa na rede pública durante os anos de 2020 e 2021. Esse percentual passou de 91,7% em 2019 no ano de pré-pandemia para 98,4% em 2021 em ano de pandemia (BRASIL, 2021).

Porém, no ano de 2021, houve um declínio para 96,3, que de acordo com a ONG Todos pela Educação, em 2019 a 2021 houve um aumento de 66,3% no número de crianças de 6 e 7 anos de idade que não sabiam ler e nem escrever. Esse número passou de 1,4 milhões em 2019 para 2,4 milhões em 2021, e crianças pardas e pretas de nível social mais baixo foram as mais afetadas (TODOS PELA EDUCAÇÃO, 2022).

Como consequência, houve um aumento na evasão escolar, impacto preocupante para a aprendizagem das crianças. Com isso, o Brasil corre o risco de regredir por duas décadas na educação das crianças brasileiras. Atualmente nas escolas, vimos que as crianças não foram alfabetizadas durante o período pandêmico. Esse número de aprovação exorbitante no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) se estabelece pelos critérios que foram adotados durante a pandemia da COVID-19, pois as crianças não podiam ser reprovadas e, nos anos posteriores, seriam adotadas medidas para suprir as demandas de discrepância do processo de alfabetização. Mesmo todo o esforço e dedicação dos professores não foi suficiente para inibir a defasagem na educação básica causada pela pandemia de COVID-19.

3 METODOLOGIA

A metodologia pode ser considerada um conjunto de atividades sistemáticas e racionais, que permite alcançar o objetivo da pesquisa, estudo ou investigação. Para uma compreensão adequada do tema abordado nesse estudo, a metodologia adotada foi composta por pesquisa explicativa, pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e a pesquisa de campo, com a finalidade de alcançar os objetivos que serão abordados nesse estudo.

3.1 Tipos de pesquisa

Considerando a realidade da sociedade que envolve seres humanos, que se relacionam, interagem, e participam da vida em comunidade, entendemos que nosso estudo se caracteriza como uma pesquisa social, nos termos colocados por Gil (2008 p.45): “pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social”, procurando respostas para problemas considerados sociais. Quanto ao objetivo geral da pesquisa, classifica-se como pesquisa explicativa, pois procura “identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos. Este é o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, porque explica a razão, o porquê das coisas” (GIL, 2008, p. 47).

A pesquisa é caracterizada como bibliográfica, pois utilizamos de leituras para nos aprofundarmos no tema. Segundo Marconi e Lakatos (2003 p.182),

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma fonia, quer publicadas, quer gravadas.

Todo o estudo para elaboração deste trabalho obedeceu aos critérios de Marconi e Lakatos, e aos conceitos de pesquisa bibliográfica, através da qual tivemos contato direto com materiais abordando o tema escolhido: livros, artigos e vídeos foram consultados para realização da pesquisa.

Também se enquadra como documental, pois tivemos acesso a documentos escolares, como o Projeto Político Pedagógico. Marconi e Lakatos (2003) destacam que a característica

da pesquisa documental é que sua principal fonte de coleta é realizada na análise de documentos, sejam eles escritos ou não, constituindo o que se denomina como fontes primárias.

Quanto à natureza da pesquisa, o procedimento foi a pesquisa de campo, o que nos permitiu uma aproximação com a realidade vivida dentro da escola.

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los. (MARCONI; LAKATOS, 2005, p.185)

Conversamos com professoras de escola pública que fazem parte do processo de alfabetização e letramento, para tentar compreender a realidade social em que as mesmas se encontram durante esse processo. Para a coleta de dados, realizamos entrevistas que foram aplicadas para as professoras, no intuito de enriquecer nosso trabalho com a opinião sobre o assunto abordado.

3.2 Local da pesquisa e participantes da pesquisa

Essa pesquisa foi realizada em três escolas públicas, duas pertencentes à rede municipal de educação, mantidas pela Prefeitura Municipal de Horizonte, e uma mantida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza.

As escolas foram escolhidas a partir do critério de acessibilidade para as entrevistas, pois a pesquisa de campo foi realizada no período em que as escolas estavam se preparando para as avaliações externas e muitas professoras estavam com pouco tempo para entrevistas. O critério de escolha de escolas públicas se deu pelo fato de acreditarmos ser o espaço mais importante de realizar a pesquisa, pois queremos mostrar a realidade de como anda o processo de alfabetização de estudantes que não tiveram o suporte necessário durante as aulas remotas.

Sobre os sujeitos da pesquisa, foram três professoras, uma em cada escola visitada. Elas foram escolhidas, pois estão na linha de frente, observando todas as dificuldades, facilidades, inseguranças. São professoras alfabetizadoras e que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental.

3.3 Coleta de dados

Utilizamos como técnicas de coleta de dados a entrevista e análise documental. Sobre a entrevista, podemos entender como uma conversa entre duas ou mais pessoas que tem como objetivo colher informações, na qual se tem interesse. Essas informações são respondidas pelo entrevistado.

A entrevista é importante instrumento de trabalho nos vários campos das ciências sociais ou de outros setores de atividades, como da Sociologia, da Antropologia, da Psicologia Social, da Política, do Serviço Social, do Jornalismo, das Relações Públicas, da Pesquisa de Mercado e outras. (MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 196).

Além disso, realizamos a pesquisa de campo, que foi uma etapa do trabalho em que fomos buscar informações de pessoas que já têm experiência com o tema o qual estamos abordando, portanto fomos adquirir mais informações para assim o trabalho se concretizar. Para a entrevista, foram elaboradas algumas perguntas pelos integrantes da equipe, com o principal intuito de saber como anda o processo de alfabetização e letramento no pós-pandemia. A entrevista foi gravada, pois queríamos registrar esse momento para melhor elaboração do trabalho.

Análise documental é um tipo de recurso que abrange vários tipos de documentos, a qual funciona para elaborações de pesquisas, entrevistas, jornais, relatórios, entre outros. É muito importante proceder à análise documental na pesquisa, pois através dela pode-se complementar o trabalho com informações obtidas durante a pesquisa.

Para o nosso trabalho, a análise documental foi de suma importância, pois realizamos pesquisa qualitativa. Entrevistamos algumas pessoas para melhor desempenho do trabalho, e esse recurso nos ajudou a complementar a nossa pesquisa, uma vez que

[...] na análise documental de cada documento a ser pesquisado, tem-se os elementos imprescindíveis para identificá-lo e caracterizá-lo para utilização ou não da pesquisa. A análise documental propriamente dita “[...]” é desenvolvida através da discussão que os temas e os dados suscitam e inclui geralmente o corpus da pesquisa, as referências bibliográficas e o modelo teórico. (SÁ-SILVA; ALMEIDA; GUINDANI, 2009, p. 11)

Como já citado, a análise documental tem componentes necessários para a elaboração do trabalho, e com isso há apresentação da pesquisa. Portanto, a análise documental é uma fonte de informação que temos que ter como prova a respeito do assunto o qual estamos abordando.

O decorrer da pesquisa progride junto com a pesquisa bibliográfica, por isso é importante saber como funciona cada uma: a pesquisa bibliográfica se dá em materiais

impressos ‘ostensivos’, já a documental são arquivos ‘reservados’. Realizamos a análise de dados no site do MEC, que divulgou recentemente os resultados do SAEB e do INEP 2021. Esses resultados mostram como os impactos da pandemia tiveram influência na educação. O SAEB consiste em uma avaliação para monitorar a evolução da educação, com isso, por conta do grande impacto da pandemia, foi realizada uma avaliação para compreender as consequências da mesma.

3.4 Aspectos éticos

O trabalho considerou os aspectos éticos em pesquisas envolvendo seres humanos. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O Termo de Anuência Institucional (TAI), tendo sido solicitado a responsável da instituição a autorização expressa da mesma para a realização da pesquisa.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Analisaremos neste tópico as respostas obtidas nas entrevistas com as professoras, que foram realizadas nos dias 19, 21 e 22 de outubro de 2022. Para uma melhor visualização das respostas, identificamos as mesmas com uma formatação específica em itálico, sem parágrafo e não alteramos o conteúdo, mantendo inclusive as marcas de oralidade nas respostas. Além disso, informamos que o nome das professoras foi ocultado para garantir a privacidade das mesmas. Para compreender os desafios da alfabetização e letramento no pós-pandemia, a primeira pergunta da nossa entrevista foi a seguinte: “O que você entende por alfabetização?”

A alfabetização é um processo onde o aluno vai da aquisição da leitura e da escrita, onde ele adquire as condições mínimas de leitura e escrita. (Professora A)

A alfabetização é um processo ao qual a criança consegue distinguir as palavras, as letras e os símbolos, mas não significa que ela esteja letrada. Por exemplo: ela consegue formar a palavra pato, mas ela não sabe o que é o pato. No letramento você vai ler e entender o que você tá fazendo. Na alfabetização foca saber distinguir as palavras, é você reconhecer. A alfabetização é um processo até o quinto ano, mas nós concluímos ele até o terceiro ano por isso que ele é tão importante. (Professora B)

A alfabetização é um processo de aprendizagem, independente se é criança, adolescente ou adulto, nessa aprendizagem ela vai adquirir o conhecimento da leitura e da escrita, que é diferente do letramento, tem essa diferença, é que no letramento também aprende a ler e escrever, mas tem mais relação social, que decodificar e codificar. (Professora C)

Percebemos, em nossa entrevista, que as três professoras trazem um conceito de alfabetização, o que nos é satisfatório, e as professoras B e C vão além disso e também definem o letramento, destacando suas diferenças e a importância da leitura e da escrita como prática social. A este respeito Soares (2009, p. 39-40) afirma:

Um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

As professoras demonstram o entendimento sobre alfabetização e letramento atrelado à consciência da importância de alfabetizar letrando, sabendo que os dois processos são indissociáveis, que não basta apenas aprender a ler e escrever, mas também que o aluno possa fazer uso eficiente deste conhecimento no meio em que vive, consolidando uma aprendizagem significativa. A professora C ainda destaca o aprendizado em todas as idades, ao longo da vida, que é um dos princípios norteadores da educação nacional, incluído pela lei 13.632/2018 na Lei Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) 9394/96, que contempla o direito à aprendizagem, em todas as idades, sejam crianças, jovens ou adultos. A educação é um direito de todos, portanto a alfabetização e o letramento devem ser trabalhados em todas as idades, sem distinção. Como exemplo, temos a Educação de Jovens e Adultos (EJA), que atua com jovens e adultos que, por motivos diversos, não conseguiram se alfabetizar ou concluir o período escolar na idade definida na LDB.

No processo de alfabetização no pós-pandemia, procuramos entender qual apoio a escola proporciona ao professor, para que ele consiga ter sucesso nesse processo, então formulamos nossa segunda pergunta: “Quais as condições que a escola proporciona para a alfabetização?”

Na escola onde eu leciono, a gente utiliza material didático, feito pela própria secretaria de educação durante as nossas formações, onde elas são dirigidas para realmente alfabetizar e letrar o aluno. Utilizamos essas apostilas, e o mais importante é que a gente faz ação para que o aluno depois ir pra representação no material didático, então ele vivencia a prática para depois ir para a representação gráfica no material. (Professora A)

Além dos livros para a didática tem os projetos de leitura, atividades lúdicas e tem o reforço, que é um suporte educacional também, principalmente no primeiro ano que as crianças estão nesse processo. Tem uma professora que ensina os alunos nas horas vagas, ajuda na leitura, com as crianças que estão mais precisando, e as atividades também são todas envolvidas nesse processo de alfabetização. (Professora B)

Muitas vezes a escola disponibiliza, porém é muito restrito, então o professor compra o material, constrói jogos, alfabeto móvel, letras moveis, pra facilitar a alfabetização das crianças. (Professora C)

Notamos que as professoras utilizam material didático fornecido pela prefeitura. Consideramos positivo terem esse recurso fornecido, mesmo que seja apenas um material limitado, pois alguns educadores precisam complementar com outros materiais para tornar a aprendizagem efetiva. Para isso, constroem jogos e investem seus próprios recursos, como destaca a professora C, que, na tentativa de suprir essa falta na escola pública, precisa gastar seu próprio dinheiro comprando o que deveria estar sendo disponibilizado. Isso nos mostra o sacrifício que o professor precisa fazer para abraçar a educação, e o comprometimento destes com seus alunos, bem como a falta de apoio do governo para as escolas e para a educação em geral, uma vez que não investe o necessário, deixando-os desamparados. A professora A dá ênfase à conciliação entre teoria e prática em suas aulas, o que é indispensável para um ensino aprendizagem de qualidade.

Para efetivar a aprendizagem, não basta apenas a teoria, somente repassar o conteúdo sem trazer significado para a aprendizagem. O aprender a fazer, que é um dos quatro pilares da educação, enfatiza a importância de o aluno desenvolver o que aprendeu, fazendo uso do seu conhecimento no meio em que está inserido, trabalhando sua autonomia. Para tornar a aula mais atrativa, a professora B acrescenta o uso de projetos e ludicidade. Sabemos que o uso de jogos e brincadeiras tem sido um forte aliado da educação, porque o aluno aprende se divertindo e interagindo, seja com jogos digitais, seja com jogos construídos pelos próprios alunos. Isso nos mostra a criatividade do professor em trazer aulas mais dinâmicas, fugindo da mesmice das aulas tradicionais. Em suma, o profissional reinventa o modo de ensinar, de uma forma inteligente e encantadora.

Um outro ponto interessante comentado pela professora é o reforço oferecido como suporte educacional, para auxiliar com as dificuldades existentes na aprendizagem. Atualmente o governo tem investido nessa prática, vendo a lacuna que a pandemia deixou no aprendizado. Cada vez mais programas de apoio são criados, para auxiliar principalmente as séries do 1º ao 3º ano do ensino fundamental, como ocorre, por exemplo, na prefeitura de Fortaleza. O “Projeto Alfa 1, 2, 3” está presente nas escolas municipais atendendo esses três primeiros anos para fortalecer a aprendizagem, com foco principalmente na alfabetização, levando profissionais de apoio para as escolas. Realmente é preciso investimento e apoio. Como percebemos nas entrevistas, a criatividade e a dedicação dos profissionais fazem total diferença. Existe um investimento para

sanar esse déficit de aprendizagem deixado pela pandemia, porém ainda insuficientes, por isso o professor deve se reinventar a cada dia, procurando meios para lidar com as dificuldades existentes.

A fim de analisarmos o nível de teoria e prática das entrevistadas no processo de alfabetização, perguntamos: “você possui alguma formação específica para atuar como professora alfabetizadora?”

Sim, a gente faz formação continua, durante todo o ano letivo. Eu, no meu caso já estou dezoito anos só alfabetizando, e todo ano a gente se recicla na área da alfabetização. (Professora A)

Não, eu não, só a Pedagogia, mas existem cursos só para esta área, pra auxiliar e ajudar que a pessoa tenha atividades melhores. (Professora B)

Nós temos formação continuada, com a secretaria de educação, ela oferece para os professores alfabetizadores, mas pós-graduação e alfabetização alguma coisa tipo da área assim não tem, a minha pós-graduação é em gestão escolar, mas nós temos é uma formação continuada que a secretaria disponibiliza pra todo nós durante todo o mês. (Professora C)

Em relação às formações das professoras, podemos notar que a professora A e C, além de serem formadas em Pedagogia, têm formações continuadas. Já a professora B deixa claro que só tem a formação em Pedagogia, mas enfatiza que há diversas possibilidades de curso que podem auxiliar os professores a alfabetizar. Rodrigues destaca a alfabetização continuada:

Com a formação continuada, o professor tem acesso ao que há de mais novo na área de atuação e em didática e metodologia de ensino. Assim, ele pode relacionar o novo conhecimento adquirido com as bases científicas da sua graduação inicial, agregando mais suporte e conteúdo para oferecer para seus alunos. (RODRIGUES, 2018)

A partir dessas formações continuadas, as professoras A e C têm um norte para onde seguir, já que elas recebem materiais com orientações para atuar com mais preparo e capacitação, oferecendo assim uma educação com mais qualidade para seus discentes. Professora B ministra suas aulas com auxílios de cursos extras, mas isso não quer dizer que ela não oferte uma educação com qualidade, sabemos o quão desafiador é o processo de alfabetização. Como a professora B pontuou, há diversas possibilidades para ajudar durante a alfabetização, como, por exemplo, as palestras, oficinas, treinamentos educacionais.

Podemos concluir que as formações continuadas são imprescindíveis para a formação do profissional da educação. Assim, esse está aperfeiçoando sua didática para atuar no campo da educação e aplicar o método mais adequado à realidade da sua sala de aula. Importante

destacar que não há uma receita pronta para a alfabetização, pois nem todas as realidades sociais e educacionais são iguais.

Sabendo que o processo de alfabetização é complexo e delicado, perguntamos: “A partir da sua formação, você se sente preparada para alfabetização pós-pandemia?”

Não, a gente viu, a gente sempre reclama que os alunos da educação infantil chegam com muita defasagem na aprendizagem. Só que com esses dois anos de pandemia a gente realmente está vivenciando a necessidade, o trabalho importante da educação infantil, para a aprendizagem desses alunos quando eles chegam no primeiro ano, e com a pandemia a gente está vivenciando a dificuldade que os alunos vem em adquirir, porque muitos deles nem a coordenação motora fina ainda não estava trabalhada, e tivemos que trabalhar, e vai ser ao longo prazo, a gente não vai conseguir em curto tempo tirar essa defasagem que alunos vêm apresentando na alfabetização. (Professora A)

Muita coisa mudou, mas acredito que sim, porque, apesar de muita coisa ter mudado, a gente consegue a///inda, fazer um mix do passado e agora, para que esse processo seja eficiente né. (Professora B)

Na verdade, a pandemia pegou todo mundo de surpresa, e nós professores também, com o retorno das aulas presenciais nós nos deparamos com muitas crianças elementar, com dificuldade de aprendizagem e também social, então a gente tenta se renovar a cada dia, estuda, e vê se estratégias, conversa com outros professores pra gente vê como vai tentar reparar isso daí, com tudo isso que aconteceu, de carência de aprendizagem que essas crianças estão vindo, mas fácil não está sendo. (Professora C)

Diante da resposta da professora A e da professora C, percebemos que ambas não se sentem preparadas para alfabetização pós-pandemia, pois relatam dificuldades com alunos que saem da educação infantil para o ensino fundamental. A professora C relata buscar estratégias para tentar reparar os danos deixados pela pandemia COVID-19.

Já a professora B relata não sentir dificuldade para conseguir êxito no processo de alfabetização. Mesmo com as mudanças causadas pela pandemia COVID-19, a docente acredita estar preparada para a alfabetização pós-pandemia. Segundo Scaff *et al.* (2022 online):

Nesse período tão difícil, profissionais da educação precisaram agir e se organizar em alguns pontos. Primeiramente, a remanejar a própria relação professor e ensino, pois nunca haviam passado por um momento como esse. E, em segundo lugar, a relação de alunos para com as diversas frentes da formação: leitura, escrita e, principalmente, o convívio social.

Percebemos que, ao longo do período pandêmico que atravessamos, o processo de alfabetização enfrentou muitos desafios. Portanto, as professoras alfabetizadoras recebem hoje alunos que estão em transição da educação infantil para o ensino fundamental, com déficit no

desenvolvimento da coordenação motora fina, dificuldade de concentração, socialização, compreensão de informações abstratas, dimensão emocional abalada e dificuldades para seguir rotinas. Mas, apesar dos desafios enfrentados, as professoras buscam reinventar suas práticas e elaborar novas estratégias para suprir a defasagem na alfabetização pós-pandemia. Apesar desse esforço, concluímos que, mesmo com toda a experiência profissional, as professoras não se sentem preparadas para uma alfabetização pós-pandemia.

No intuito de conhecer quais as medidas que foram tomadas para reduzir o prejuízo causado no processo de alfabetização após a pandemia, elaboramos a última pergunta: “Quais as estratégias utilizadas para diminuir a defasagem no processo de alfabetização no período pós-pandemia?”

Pronto, na nossa escola, nós, além do professor, ele está em formação, a gente está em parceria com a família, nós temos várias estratégias que a gente está utilizando dentro da escola como reforço no contra turno, audiências de leitura, Projeto Semear, que é onde o professor que dá reforço, tira o aluno meia hora, uma hora, depende da necessidade do aluno, naquele período da sala de aula para trabalhar a dificuldade de alfabetização desse aluno. (Professora A)

São as didáticas diferente né, que nós temos que acompanhar, planejamentos e estratégias, tudo isso pós, a gente teve que refazer e se orientar novamente para que desse certo né, para que dê certo, então é basicamente isso. (Professora B)

Como eu falei na questão quatro né, que a gente busca várias estratégias, pra sempre tá trazendo a criança de volta, conversa com os professores, se tem alguma ideia mais criativa, dinâmica, é faz cursos também tanto presencial como online, pesquisa também vários fatores que agreguem esse processo na internet, então é tudo isso, jogos, tenta fazer aulas dinâmicas, e também a escola trabalha com a busca ativa, a gente tá trazendo sempre essa criança que não está vindo, a gente liga, vai na casa saber o que está acontecendo, que não tá indo pra aula, então este processo, esse trabalho que a gente faz é pra agregar e tá sempre desenvolvendo a aprendizagem deles, que criança em casa não aprende, criança só aprende realmente na escola. (Professora C)

As respostas das professoras revelam quais abordagens têm sido adotada para melhoria e recuperação do processo de alfabetização dos alunos. Dentre as medidas utilizadas pela professora A e pela escola onde atua, destacam-se a formação continuada, parceria com a família, reforço no contra turno dentro da escola, audiências de leitura e projeto para trabalho individualizado com os alunos que apresentam dificuldades no processo de alfabetização, sendo efetuado pelo professor do reforço.

Para uma prática docente de qualidade, faz-se necessária a formação continuada, pois o professor necessita de atualização constante. Ensinar é uma tarefa complexa em si, o que exige um conhecimento robusto e articulado por parte do professor e aqueles que buscam o próprio

desenvolvimento, demonstram entendimento e uma real preocupação com a formação de seus alunos, pois compreendem a responsabilidade que tem em suas mãos. Outra questão que pode também ser um impulsionador da formação continuada são as exigências cada vez maiores do mercado de trabalho. Aqueles que não têm a mentalidade de avançar em conhecimento e que não buscam inovação, aumentam a probabilidade de perderem seu trabalho.

No contexto da pandemia do COVID-19, essa atualização teve que ser feita de forma rápida, e agora no período pós-pandemia, a formação continuada e o desenvolvimento pessoal e profissional continuam sendo requeridos dos docentes, o que certamente trará um impacto positivo na alfabetização e letramento dos alunos (NASCIMENTO; SILVA, 2022).

Além disso, o apoio da família é imprescindível no processo da educação em si, do qual a alfabetização é uma etapa importante. Sem a ajuda da família, o trabalho do professor fica mais difícil, pois há aspectos do desenvolvimento infantil que cabe apenas à família intervir. Se há sinergia entre família, professor e escola, o desenvolvimento das crianças será exponencialmente maior do que se somente o professor trabalhar.

Conscientizar e capacitar a família para atuar em casa com a criança é uma ferramenta que pode ser explorada para que a alfabetização e o letramento ocorram de forma adequada, pois sabemos que:

Os alunos não aprendem apenas na escola, mas também por meio da família, dos amigos, das pessoas que consideram importantes, da mídia de massa, das experiências diárias e dos esportes sociais. Portanto, a família também desempenha um papel importante, podendo ou não contribuir para o aprendizado da criança (PINHEIRO *et al.*, 2022, p. 22)

Reforço no contra turno é uma ferramenta eficaz também, que pode suprir as necessidades educacionais dos alunos e ajudá-los a superar os déficits oriundos do ensino a distância que ocorreu no período da pandemia, como a professora relata que ocorre na instituição onde leciona, já que

Reforço escolar é uma atividade de auxiliar o educando a aprender o que não foi possível aprender nas horas regulares de aula em uma escola. O ideal seria que a própria escola prestasse esse serviço ao educando, pois os estudantes necessitam de aprender; é por essa razão quem vem para a escola. E a escola promete, em sua propaganda, que eles aprenderão. Desse modo, caso eles não tenham aprendido, é dever da escola propiciar o saneamento desse impasse. Em última instância, se a escola não faz isso, alguém necessita de fazer. Usualmente são os pais que assumem essa tarefa, ou por si mesmo ou contratando quem oferece esse serviço (LUCKESI, 1999 *apud* DUARTE, 2022, p. 44).

Chama a atenção o trabalho desenvolvido de modo individual com alunos que apresentam dificuldade para serem alfabetizados. Ter um suporte dessa natureza é uma evidência do empenho da escola em proporcionar aos estudantes uma educação de qualidade e uma demonstração de zelo e cuidado com a aprendizagem das crianças. Por outro lado, é necessário que se tenha critérios para designar quais alunos necessitam realmente do reforço e que essa prática não seja usada apenas como um paliativo, pois é dever das escolas proporcionarem para as crianças um ambiente alfabetizador de qualidade e uma aprendizagem de significado (DUARTE, 2022). Some-se a isso as audiências de leitura, quando provavelmente se trabalham aspectos de autonomia e fluência na leitura dos alunos em processo de alfabetização.

A professora B fala do uso de uma didática diferente e reorganização dos planejamentos e das estratégias que estavam sendo usados, contudo não especifica quais planejamentos eram esses.

Sabe-se que uma didática deficitária é extremamente prejudicial. Portanto, a fala da docente B demonstra sensibilidade e abertura para mudanças de metodologia, com o objetivo de ajudar e facilitar a aprendizagem de seus alunos. Aperfeiçoar processos e condutas é uma tarefa necessária e que exige autocrítica por parte do profissional, pois refletir sobre as próprias práticas dentro de sala de aula é aspecto basilar no processo educativo, já que o professor também está em constante aprendizado. Dessa forma:

O ensino e a aprendizagem dos conteúdos exigem do professor não só o domínio específico de conteúdo e disciplinas, mas também o domínio dos elementos que caracterizam uma prática educativa consistente e crítica. Para isto, é necessário conhecer a Didática para a construção do conhecimento coletivo, significativo e contextualizado (MARTINS; DIAS; SILVA, 2016, p. 10).

A professora C fala sobre o uso de jogos, aulas dinâmicas, busca ativa dos alunos faltosos por parte da escola, busca por dicas e ideias diferentes com a ajuda de outros colegas de profissão, pesquisas e atualização profissional também. Diante disso, vê-se que a ludicidade pode e deve ser utilizada como recurso no processo de ensino. É muito mais fácil aprender quando se agrega o elemento da diversão, e o jogo pode ser sim uma ferramenta para facilitar a alfabetização.

A dinâmica da aula também influencia no aprendizado. Se é uma aula enfadonha, sem atrativos, que não desperta o interesse do aluno, o tempo de aula vai ser perdido. Porém, se é

uma aula interessante, que desperta e prende a atenção do aluno, o conteúdo que precisa ser ministrado vai chegar ao estudante e também as habilidades que precisam ser trabalhadas se desenvolverão.

Outro ponto importante é a busca pelos alunos. Fica evidente que a escola se preocupa com a formação dessas crianças. Não é só o conteúdo que importa, mas o fator humano, em especial o discente. Sem o aluno a função da escola e do professor perdem o sentido. Pedir ajuda a outros colegas, buscar desenvolvimento pessoal e pesquisar são atitudes fundamentais para o bom desempenho do professor.

5 CONCLUSÃO

Concluimos, por meio da pesquisa, que as professoras entrevistadas conhecem o conceito de alfabetização e letramento e que buscam promover em sua prática educacional a aprendizagem do sistema alfabético por parte dos seus alunos, bem como que estes façam bom uso desse conhecimento. Dentre as estratégias utilizadas para melhoria da práxis pedagógica, destacam-se o aperfeiçoamento da didática docente e o reforço escolar, para detecção e solução de dificuldades no aprendizado.

O trabalho apresentado também demonstra que as dificuldades enfrentadas pelas professoras no processo de alfabetização foram agravadas pela pandemia, o que exigiu reinvenção e adaptação profissional e pessoal da parte delas, para sanarem as demandas educacionais de seus, e que estão fazendo um trabalho árduo e de longo prazo, juntamente com a escola.

Como desafio para a pesquisa, especificamente na coleta de dados, tivemos dificuldades pelo tempo escasso das professoras entrevistadas, pois, no período em que fizemos a coleta, estavam ocorrendo avaliações de desempenho dos alunos, o que demandava bastante tempo das profissionais escolhidas como sujeitos da pesquisa. Contudo, esse entrave foi superado e conseguimos que as professoras nos respondessem por meio remoto.

O que podemos destacar também é que se fazem necessários ajustes entre professores, escola, família e alunos, para que estes consigam atingir o grau de desenvolvimento que se espera deles. Investir em tecnologia é fundamental nos tempos atuais, porém também é necessário investir nos recursos humanos, na melhoria das estruturas escolares e investir na esfera familiar.

Há muitos desafios agora que devem ser enfrentados para que a educação brasileira se desenvolva ainda mais. Aqueles que investirem no aprendizado das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TIDICS) estarão na vanguarda educacional e serão docentes diferenciados.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Silvana Ruiz. A importância das práticas construtivistas no processo de alfabetização e letramento com foco na leitura e escrita. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**. Ano 04, Ed. 07, Vol. 07, pp. 21-30. Julho de 2019. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/praticas-construtivistas>. Acesso em: 24/11/2021

BEARD, R. **Ensino da língua: o que dizem as evidências**. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização**. – Brasília: MEC, SEALF, 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL/MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

BRASIL/MEC. <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/mec-e-inep-divulgam-resultados-do-saeb-e-do-ideb-2021>. Acesso em 05/12/2022

DUARTE, Bruna Carvalho. “Dificuldade de aprendizagem” e reforço escolar nos anos Iniciais do ensino fundamental. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Licenciatura de Pedagogia – Universidade Federal da Fronteira Sul, Santa Catarina, 2022.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HEIN, Ana Catarina Angeloni. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Pearson Education, 2016.

KLEIMAN, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e a escrever?** Campinas: CEFIEL/UNICAMP, 2005.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTINS, C. A. B.; DIAS, R. F. N. C.; SILVA, E. P. A importância da didática na prática educativa e na formação docente. **Revista Triângulo**, Uberaba - MG, v. 9, n. 1, 2016. DOI: 10.18554/rt.v9i1.1724. Disponível em: <https://seer.uftm.edu.br/revistaeletronica/index.php/revistatriangulo/article/view/1724>. Acesso em: 30 out. 2022.

MICOTTI, Maria Cecília de oliveira. **Alfabetização: propostas e práticas pedagógicas**. São Paulo: Contexto, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social**. São Paulo: Contexto, 2007.

NASCIMENTO, A. F. do ; SILVA, V. L. R. da. Formação continuada para o desenvolvimento profissional de professores: perspectivas a partir de experiências com ensino remoto. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, [S. l.] , v. 11, n. 11, pág. e572111134163, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i11.34163. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34163>. Acesso em: 30 out. 2022.

PINHEIRO, Ana Cristina Conceição et al. O papel da família no processo ensino-aprendizagem do aluno. **Revista Luzeiros**, v. 3, n. 3, p. 111-119, 2022.

PORTAL G1. <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2020/05/21/alunos-da-rede-publica-do-ceara-tem-ensino-domiciliar-durante-pandemia-mas-relatam-dificuldade-de-estudar.ghtml>. Acesso em: 05/12/2022.

RODRIGUES, Dayanne. A Importância da Capacitação de Professores de maneira Continuada. **PROESC/BLOG** São Paulo, 25 jan.2018. Disponível em: <https://www.proesc.com/blog/capacitacao-de-professores-continuada/>. Acesso em: 02/11/2022.

ROJO, Roxane. Alfabetização e letramento múltiplos: como alfabetizar letrando? In: RANGEL, Egon de Oliveira; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (coord.). Língua Portuguesa: ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2010. (Col. Explorando o Ensino; vol.19)

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Rev. Bras. de História & Ciências Sociais**. n. I, julho, 2009, p. 1-15. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/rbhcs/article/view/10351>. Acesso em: 01/11/2022.

SCAFF, Arthur et al. Os impactos da pandemia COVID-19 na alfabetização. **Revista Digital Laboratório da Faculdade Cásper Líbero**. Ano 22, Jan 5, 2022. Disponível em: <https://revistaesquinas.casperlibero.edu.br/educacao/os-impactos-da-pandemia-da-covid-19-na-alfabetizacao/>. Acesso em: 29/10/2022

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, Magda. Letramento e alfabetização: As muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=s141324782004000100002&sci_arttext&tlng=pt
Acesso em: 02 de abr.2021.

SOARES, Magda. **Letramento**: Um tema de três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

TEBEROSKY, Ana; GALLART, Marta & colaboradores. **Contextos de alfabetização inicial**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

TODOS PELA EDUCAÇÃO. <https://todospelaeducacao.org.br/noticias/aumenta-em-1-milhao-o-numero-de-criancas-nao-alfabetizadas/>. Acesso em: 05/12/2022